

MAPEAMENTO DAS PESQUISAS SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS DESENHOS INFANTIS

Vivian Souza Rosa
Universidade Estadual Paulista, *Campus Marília*

Matheus Estevão Ferreira da Silva
Universidade Estadual Paulista, *Campus Marília*

Alessandra de Moraes
Universidade Estadual Paulista, *Campus Marília*

RESUMO

Este estudo buscou mapear as produções acadêmicas nacionais que investigaram as representações das relações de gênero nos desenhos infantis. A pesquisa consistiu em localizar, selecionar e examinar esses trabalhos, destacando seus objetivos, metodologias, referenciais teóricos e conclusões, além de apontar lacunas para futuras investigações. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, com busca direcionada a duas bases de dados: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Portal de Periódicos da Capes. Foram selecionados apenas cinco trabalhos (duas dissertações e três artigos), publicados entre 1999 e 2020, evidenciando a escassa produção acadêmica sobre o tema. Os resultados indicam que, além dos desenhos, a maioria dos estudos incorporou relatos orais das crianças e de adultos. A maior parte das pesquisas concentrou-se em alunos da Educação Infantil de escolas públicas, e seus achados convergiram ao demonstrar que as representações infantis frequentemente reproduzem estereótipos e desigualdades de gênero. Diante da limitação quantitativa e temática dos estudos encontrados, recomenda-se que pesquisas futuras ampliem o escopo de investigação.

Palavras-chave: Representações; Desenho infantil; Relações de gênero.

ABSTRACT

This study sought to map Brazilian academic literature that investigated representations of gender relations in children's drawings. The research consisted of locating, selecting, and examining these works, highlighting their objectives, methodologies, theoretical frameworks, and conclusions, as well as identifying gaps for future research. The methodology adopted was bibliographic research, with searches directed to two databases: the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) and the Capes Journals Portal. Only five works (two dissertations and three articles) published between 1999 and 2020 were selected, highlighting the scarcity of academic literature on the topic. The results indicate that, in addition to drawings, most studies incorporated oral accounts from children and adults. Most of the research focused on early childhood education students in public schools, and their findings converged in demonstrating that children's representations often reproduce gender stereotypes and inequalities. Given the quantitative and thematic limitations of the studies found, it is recommended that future research expand the scope of investigation.

Keywords: Representations; Children's drawings; Gender relations.

Introdução

O desenho constitui-se como uma linguagem universal, presente em todas as formas culturais (HANAUER, 2013). Porém, mais do que um meio de comunicação e registro, para o qual tem sido

utilizado historicamente, o desenho transcende a escrita e revela percepções, vivências e interpretações do mundo (LUQUET, 1969; JUNQUEIRA FILHO, 2005; HANAUER, 2013). Na infância, o desenho é uma das primeiras formas de expressão da criança, “um produto de sua atividade, uma manifestação da sua personalidade, uma criação” (LUQUET, 1969, p. 136).

Para Georges-Henri Luquet (1969), um dos principais teóricos do desenho infantil, o desenho é uma manifestação do “espírito” infantil, pois seu valor vai além do traço em si: é um registro de suas experiências, identidades e das relações que estabelece com os outros, carregado de intenções e significados que lhe são próprios, mas que muitas vezes escapam aos adultos.

Ainda que seja um documento social que revela como a criança interpreta e internaliza as estruturas do mundo ao seu redor (GOBBI, 1999), o desenho no contexto escolar é geralmente abordado somente como uma atividade lúdica ou pedagógica. Isso o esvazia de sua referida potencialidade como documento social, reduzindo-o a um mero exercício técnico ou recreativo, sem considerar sua capacidade de expressar as estruturas simbólicas e sociais que a criança está assimilando.

Nesse sentido, como um veículo privilegiado para identificar representações de mundo, o desenho é capaz de revelar estruturas culturais, relações de poder e construções identitárias, especialmente no que diz respeito às relações de gênero.

No que se refere ao conceito de gênero aqui empregado, este surgiu enquanto categoria para análise das relações sociais a partir da década de 1970, inicialmente para diferenciar o que era social (gênero) da biologia (sexo) no estudo dos papéis de homens e mulheres nas sociedades, ressignificando o próprio entendimento do gênero como construção histórica e cultural.

Na cultura ocidental, a construção do gênero foi historicamente pautada pelo patriarcado – um sistema que naturaliza a dominação masculina, transformando diferenças sexuais em hierarquias sociais rígidas. Nesse modelo, estabeleceram-se dois gêneros rigidamente delimitados, vinculados ao sexo biológico, valorizando tudo o que passou a ser classificado como “masculino” como superior e subordinando o “feminino” a funções restritas. Como destaca Ferreira (2004, p. 120), “coube ao homem o controle das instituições econômicas, legais e políticas e, à mulher, o cuidado da casa e dos filhos e a satisfação da sexualidade do marido”. Essa divisão, segundo a autora, dotou o homem de “um poder estrutural que lhe concedeu a primazia de grupo dominante”, fazendo da família um “locus privilegiado de reprodução dos valores patriarcais referentes à superioridade masculina e à inferioridade feminina”. Essa divisão é encorajada e reforçada sistematicamente desde a infância, a partir do processo de socialização das crianças que se inicia no núcleo familiar e se consolida no ambiente escolar.

Assim, a discussão sobre gênero na infância surge como urgente em uma sociedade que permanece marcada pelo binarismo de gênero patriarcal. O desenho infantil oferece um campo fértil para investigar como essas normas são internalizadas desde a infância, pois, como afirma Hanauer (2013), é uma das primeiras formas de a criança registrar sua visão de mundo.

Portanto, se o desenho é uma janela para o universo infantil, quais são as representações das relações de gênero, que permeiam a sociedade, que estão presentes nos desenhos infantis? Pesquisas pioneiras no assunto, como as de Gobbi (1999) e Belotti (1975), demonstraram que, desde os primeiros anos, meninas e meninos reproduzem, em suas produções gráficas, papéis sociais rigidamente demarcados.

Décadas após as pesquisas pioneiras de Belotti (1975) e Gobbi (1999), ainda não há no Brasil um estudo que sistematize o panorama da produção acadêmica sobre essa linha de investigação por elas inaugurada, que intersecciona o gênero com o desenho infantil. Diante dessa lacuna, bem como do exposto anteriormente, o presente artigo tem como objetivo mapear as produções acadêmicas nacionais que investigaram as representações das relações de gênero nos desenhos infantis.

O mapeamento, além de compreender o processo de busca, seleção e organização das produções dessa literatura, também se deu a partir da análise de seu conteúdo. Essa análise se ateve em evidenciar as características e principais aspectos enfocados nessas produções (desde objetivos, metodologia, referencial teórico e resultados), assim como em evidenciar quais são os aspectos que ainda não foram suficientemente abordados e assim subsidiar pesquisas futuras.

Para alcançar nosso objetivo, recorremos ao procedimento de “pesquisa bibliográfica” conforme Lima e Mito (2007), selecionando produções que reportam pesquisas que interseccionam o gênero com o desenho infantil, com delimitação àquelas indexadas nas bases de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódico da Capes.

Metodologia

Entre os meses de maio e julho de 2024 foram realizadas buscas em duas bases de dados, a BDTD e o Portal de Periódico da Capes, que indexam produções acadêmicas nos formatos, respectivamente a cada uma, de teses e dissertações e de artigos científicos. Como estratégia de busca para a localização dos materiais, utilizamos o descritor principal “desenho infantil”, combinado separadamente com os descritores “relações de gênero” e “expressão de gênero” por meio do operador booleano “AND”, realizando buscas distintas para cada combinação.

Para a seleção dos materiais, dentre os resultados obtidos nas buscas, os critérios de inclusão foram: 1) abordar o desenho como uma forma de linguagem e de expressão; e 2) relacionar a produção artística das crianças com as representações das relações de gênero. Devido ao pequeno número de materiais encontrados, optamos por não limitar a data de publicação.

No Portal de Periódicos da Capes, foram encontrados 11 artigos, dos quais 03 foram selecionados, enquanto na BDTD foram encontradas 95 teses/dissertações, das quais somente 02 dissertações foram selecionadas. Os outros 08 artigos 93 teses/dissertações foram descartados para

integrar o nosso mapeamento e, por conseguinte, compor o *corpus* de análise, visto que não atendiam aos critérios de inclusão da pesquisa ou sequer se relacionavam com a temática.

Os 05 trabalhos selecionados foram duas dissertações de Mestrado e três artigos, um de 1997, um de 2001, um de 2016, um de 2018 e um de 2020.

Cabe ressaltar, desde já, que esse levantamento revela a escassez de estudos sobre as representações de gênero nos desenhos infantis, embora as referidas pesquisas pioneiras de Belotti (1975) e Gobbi (1999) – a primeira que não esteve entre os resultados das buscas nas bases de dados, enquanto a segunda esteve e, portanto, integrou o presente mapeamento –, demonstrem que esta linha de investigação foi iniciada há décadas. O que se pode inferir a partir disso é que essa linha não progrediu de forma a desenvolver uma produção acadêmica robusta, que seria esperada ao longo do tempo.

Resultados e discussão

Para apresentação dos principais aspectos enfocados pelas pesquisas veiculadas nos 05 trabalhos selecionados, realizou-se a leitura e análise de seu conteúdo. A saber, esses aspectos, sumariamente descritos a seguir, foram: seus objetivos, metodologia, referencial teórico (principais referências) e resultados.

Gobbi (1999) teve como objetivo identificar e compreender como são construídas as relações de gênero em desenhos produzidos por quatro meninos e quatro meninas, na faixa etária de quatro anos, levando-se em conta seus traços e a oralidade de quem os produziu. As oito crianças participantes frequentavam uma escola municipal de Educação Infantil da cidade de São Paulo. Além dos desenhos produzidos pelas crianças, a autora utilizou como metodologia a roda de conversa.

Foi constatado que, nos desenhos das crianças de ambos os gêneros, quando casas eram desenhadas, a parte que mais aparecia era referente à cozinha, com a presença feminina predominando nesse espaço, embora isso contrastasse com Belotti (1975 apud GOBBI, 1999), que afirmara que apenas as meninas retratavam afazeres domésticos. Através dos desenhos, falas das crianças e dos pais, a autora observou o reflexo de que às mulheres coube a dupla jornada de trabalho, mas também percebeu indícios de uma mudança em relação aos papéis de gênero. Gobbi (1999) concluiu que os desenhos das crianças e as suas falas, somadas a de seus pais e mães, mostram um cenário de mudanças e podem até auxiliar os adultos, em um diálogo intergeracional, sobre as transformações sociais em curso.

Montagna (2001) analisou os desenhos de crianças (oito meninas e doze meninos, entre cinco e seis anos) de uma turma da Educação Infantil em escola privada da região central de Londrina, com o objetivo de identificar como as expressões de gênero se manifestavam em seu repertório gráfico. A pesquisa, de caráter etnográfico, combinou observação participante com análise dos desenhos infantis e registro de suas falas. Complementarmente, foram realizadas entrevistas com professores, coordenadores e os próprios alunos.

As observações diretas da autora demonstraram que as interações das crianças com o meio forneciam os elementos que constituiriam seu repertório referencial acerca dos papéis de gênero. Dessa forma, refletindo as vivências das crianças, constataram-se diferenças entre os desenhos de meninas e de meninos, desde a estrutura da composição, utilização de recursos visuais ou funcionais, na movimentação da cena e na escolha das cores, entre outros aspectos.

Pimenta (2016) investigou os desenhos de meninos e meninas com o objetivo de identificar como as crianças expressavam as marcas de gênero em suas produções gráficas, analisando quais eram os traços, temas e assuntos retratados. A pesquisa, de caráter etnográfico, foi desenvolvida durante um ano em uma escola pública de Educação Infantil da rede municipal de São Paulo. Além da observação participante, coletou sistematicamente tanto os desenhos quanto as falas infantis sobre representações de gênero, estabelecendo assim uma análise integrada entre a produção gráfica e a oralidade das crianças.

Dentre a variedade de temas abordados em seus desenhos, destacaram-se: “as formas de organização da casa e da distribuição das tarefas domésticas, as escolhas das cores, o espaço do pai e da mãe na família, as marcas do masculino e do feminino, os brinquedos e as brincadeiras” (PIMENTA, 2016, p. 141), entre outros. As crianças, sobretudo as meninas, representaram a maternidade e o trabalho doméstico como marcas do universo feminino, mesmo que as suas próprias mães trabalhassem fora de casa. Revelaram-se, assim, os modos de relação com os adultos presentes nas culturas das infâncias, diante de situações em que crianças reproduzem os estereótipos de gênero em um mundo apartado pelas práticas adultocêntricas. Porém, também foram identificados momentos em que elas demonstraram a capacidade de ultrapassar as fronteiras de gênero, criando brechas e rompendo com esses estereótipos ao apresentarem relações e traços não marcados pela separação dos gêneros. A autora concluiu que, nas interações entre seus pares e com os adultos, as crianças podem tanto incorporar certos estereótipos de gênero como ressignificá-los, demonstrando que as expectativas de gênero são ativamente construídas e negociadas nessas relações sociais, a depender do ambiente em que estão inseridas.

Gibim e Müller (2018) investigaram as representações de crianças de cinco anos usuárias da Educação Infantil sobre a temática famílias, relações intergeracionais e de gênero que são estabelecidas no âmbito familiar. O trabalho de campo consistiu na coleta dos desenhos e das narrativas das crianças participantes. As autoras constataram que os desenhos das crianças, em sua maioria, retratavam suas mães e/ou avós associadas aos cuidados dos filhos/netos e da casa, evidenciando um “processo de imitação e apropriação das representações sociais de poder, submissão e práticas generificadas” (GIBIM; MÜLLER, 2018, p. 87). As autoras concluem que a Educação Infantil assume um papel relevante ao dividir com as famílias a responsabilidade pela educação e cuidado, incentivando a transformação dos papéis parentais e contribuindo para a formação de uma sociedade mais igualitária e livre de discriminações.

Baseando-se nos desenhos de meninos e meninas com idade entre oito e nove anos, Pereira e Santiago (2020) buscaram compreender como as crianças do primeiro ciclo do Ensino Fundamental concebem as infâncias vivenciadas por elas, na periferia da cidade de São Paulo, evidenciando as marcas

de gênero, raça e classe. Foram coletados os desenhos de crianças de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino na região leste da cidade de São Paulo.

Os autores observaram que, embora as meninas demonstrem maior liberdade para ocupar espaços tradicionalmente masculinos, nenhum menino retratou tarefas consideradas femininas, reflexo da percepção da infância feminina como mais flexível e a masculina como rigidamente normatizada. Concluiu-se que, ao representarem suas vivências na periferia de São Paulo, essas crianças não apenas reproduzem, mas também reinterpretam e ressignificam os papéis de gênero, posicionando-se como agentes ativos na construção de suas realidades.

Feita essa exposição, passamos agora a salientar os principais aspectos enfocados pelos trabalhos e outras impressões que tivemos com a leitura de seu conteúdo. No que se refere aos objetivos traçados, pudemos notar que as(os) autoras(es) utilizaram, de modo geral, o desenho para compreender as vivências das crianças e como elas percebem e constroem as relações de gênero, seja no âmbito familiar e/ou escolar. Com isso, todas as produções reportaram pesquisas de campo, então realizadas em diferentes momentos distribuídos no espaçamento de tempo de duas décadas (sendo 1999 a data da primeira publicação nesse período e 2020 a data publicação mais recente).

Em suas metodologias, a maioria, 04 do total de 05 produções, nomeadamente Gobbi (1999), Montagna (2001), Pimenta (2016) e Pereira e Santiago (2020), relacionou os desenhos com a oralidade infantil, deixando explícita a importância de se considerar a narrativa das crianças autoras dessas produções artísticas em seus objetivos de investigação. Isso significa que, para além da interpretação adulta, é fundamental compreender a intenção e o significado que a criança atribui à sua representação gráfica. Ademais, em 02 dos 05 trabalhos (GOBBI, 1999; MONTAGNA, 2001), as pesquisas foram ainda além da observação dos desenhos e da escuta das narrativas das crianças, realizando entrevistas também com os pais e mães das crianças e/ou com coordenadores(as) e professores(as) das escolas que elas frequentavam.

Pôde-se observar que 04 trabalhos compreenderam, em suas amostras, crianças usuárias da Educação Infantil, enquanto apenas 01 compreendeu crianças usuárias do primeiro ciclo do Ensino Fundamental (PEREIRA; SANTIAGO, 2020), evidenciando a escassez de trabalhos, dentro de uma literatura que constatamos já escassa, que abordam a produção do desenho nesse nível de ensino. Somente 01 trabalho (MONTAGNA, 2001) teve como local de pesquisa uma escola privada, ao passo que as demais foram realizadas em escolas públicas. Assim, além de continuarmos a reforçar a necessidade de mais investigações sobre o tema, adicionamos a isso a recomendação de que elas não se restrinjam à Educação Infantil, mas que também contemplem outros níveis de ensino – analisando as representações de crianças mais velhas –, bem como que busquem compreender como as dinâmicas de classe social e outras variáveis sociodemográficas – marcadas pela distinção entre redes pública e privada – influenciam essas representações.

Sobre os resultados dessas pesquisas, foi unânime entre elas a constatação de haver diferenças entre os desenhos de meninas e de meninos no que se refere a como as relações de gênero são representadas, seja pelo conteúdo do que estava sendo representado, pelos traços ou, até mesmo, pelo uso e preferência por certas cores. No caso desse último, como exemplo, Montagna (2001) e Gibim e Müller (2018) observaram a preferência das meninas por cores quentes, em especial a cor rosa, e dos meninos por cores frias, principalmente a cor azul. Notou-se, ainda, nesses dois estudos, permanências de estereótipos de gênero quanto à divisão de papéis em tarefas domésticas, com o cuidado dos filhos e da casa atrelados, quase sempre, às mulheres.

Em sentido semelhante, Gibber (1997) observou que a cozinha era o cômodo mais retratado nos desenhos infantis de casas e que personagens femininas predominavam nesse espaço; Pimenta (2016) identificou a maternidade e afazeres domésticos como marcas do universo feminino, mesmo que as mães das crianças de seu estudo trabalhassem fora de casa; e Pereira e Santiago (2020) revelaram que os desenhos que retrataram brincadeiras e interação entre pares reforçavam divisões binárias de gênero.

Em 02 desses trabalhos (PIMENTA, 2016; GIBIM; MÜLLER, 2018), contudo, houve a constatação do agenciamento das crianças entre seus pares e com os adultos. Dessa forma, os resultados demonstraram que a forma como as expressões de gênero das crianças se manifesta – tanto nos desenhos quanto fora dele, em outras dimensões de suas vidas – depende diretamente da qualidade da socialização que recebem. Foi revelado que as crianças atuam como agentes ativos na construção de suas realidades, podendo tanto incorporar estereótipos de gênero quanto ressignificá-los, o que mostra como as normas de gênero são negociadas conforme o contexto social.

Dado o exposto, mesmo diante das transformações sociais vistas nas últimas décadas nas ordens do gênero, como a crescente ocupação das mulheres no mercado de trabalho e na vida pública, os resultados das pesquisas que integraram o nosso mapeamento reafirmam que os estereótipos e as desigualdades de gênero persistem ao longo do tempo, sendo representadas fielmente nos desenhos infantis.

Os resultados de cada pesquisa pouco contrastaram entre si, o que é ainda mais preocupante se considerarmos que os estudos analisados abrangem um período relativamente longo, de 1999 a 2020. Sendo assim, pode-se inferir que os estereótipos e as desigualdades permanecem presentes nas escolas e nas representações das crianças, com exceção de alguns desenhos que retrataram mudanças e transformações, mas que ainda permanecem como minoria.

Um último aspecto a ser destacado é acerca do referencial teórico utilizado pelas pesquisas selecionadas para viabilizar suas análises das representações das relações de gênero nos desenhos, unindo duas literaturas distintas, referentes ao desenho infantil e aos Estudos de Gênero respectivamente. Para subsidiar suas análises dos desenhos infantis, algumas pesquisas recorreram a autores da Sociologia da Infância. Outras utilizaram autores brasileiros das ciências sociais, como Paulo Freire.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo mapear as produções acadêmicas nacionais que investigaram as representações das relações de gênero nos desenhos infantis. Com base na pesquisa bibliográfica conduzida nas bases de dados BDTD e Portal de Periódico da Capes, foram encontrados 05 trabalhos no total, sendo 03 artigos e 02 dissertações. Esses trabalhos datam ao longo do período de duas décadas, de 1999 a 2020, embora fosse de nosso conhecimento a existência da pesquisa de Belotti (1975) sobre o tema, muito antes desse período – o que sugere que essa linha de investigação é mais antiga do que o presente mapeamento aparentou indicar.

Sobre os principais aspectos dessas produções que buscamos destacar, em seus objetivos, todas convergiram para a proposta comum anunciada: utilizar os desenhos infantis como meio para acessar e analisar representações das relações de gênero. Entretanto, elas variaram quanto a ter apenas o desenho como único recurso analítico, buscando também coletar e analisar as narrativas das crianças, bem como de pais, mães, e de coordenadores(as) e professores(as) das escolas que essas crianças frequentavam, alinhando a representação gráfica à oralidade das crianças e dos adultos.

Em suas metodologias, todas recorreram à observação de desenhos depois de produzidos pelas crianças. Porém, naquelas pesquisas que ampliaram seus objetivos incluindo a oralidade – o que correspondeu à maioria (em 04 das 05 produções) –, foram empregadas também entrevistas e rodas de conversa, sendo 02 apenas com crianças e 02 com crianças e adultos. Quanto aos participantes, na maioria dos casos (também em 04 de 05 produções) tratava-se de crianças da Educação Infantil, enquanto apenas 01 estudo incluiu crianças do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. No que se refere ao local de pesquisa, apenas um estudo foi realizado em escola privada, sendo os demais conduzidos em escolas públicas.

Em seus resultados, as 05 pesquisas foram unânimes em apontar que as representações das relações de gênero reproduzem estereótipos e desigualdades de gênero, desde o uso de cores, participação em brincadeiras, associação da figura feminina ao cuidado da casa e dos filhos, entre outros. A repetição desses resultados ao longo do período compreendido pelo mapeamento, considerando que são pesquisas realizadas e publicadas em momentos diferentes, indica a permanência de uma sociedade patriarcal marcada pela divisão de gênero, com repercussões desde a infância.

Além de confirmarem que o desenho é um registro dos eventos sociais vivenciados pela criança e, portanto, que suas representações são influenciadas pelo tipo e qualidade de socialização que ela é submetida, também foi notado, sobretudo por 02 estudos, o agenciamento das crianças em suas interações com pares e adultos. Desse modo, as crianças se mostram agentes ativos na construção de suas realidades, capazes tanto de incorporar estereótipos de gênero quanto de ressignificá-los, processo relacionado com a construção de sua subjetividade.

Em seu referencial teórico, constatou-se que as pesquisas, de modo geral, relacionam duas literaturas distintas: sobre o desenho infantil e os Estudos de Gênero. Em algumas delas, notou-se ainda a incorporação de contribuições da Sociologia da Infância e de teóricos brasileiros das ciências sociais.

Por fim, embora tenha sido inaugurada há décadas, a escassez de trabalhos encontrados acerca dessa linha de investigação demonstrou que ela não se consolidou em termos de desenvolver uma produção acadêmica robusta. Essa escassez evidencia a necessidade de mais estudos sobre a temática. Junto a isso, apontamos para duas lacunas que essas novas pesquisas precisam se atentar: que não se restrinjam à Educação Infantil, contemplando outros níveis de ensino e idades, e que busquem compreender como outros marcadores sociais, como classe social, raça, etnia, sexualidade, território, e etc., entrecruzam-se com o gênero e influenciam as representações das crianças sobre as relações de gênero.

REFERÊNCIAS

- BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- FERREIRA, Maria Cristina. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 119-126, jan./jun. 2004.
- GIBIM, Ana Paula Pereira Gomes; MÜLLER, Fernanda. O que crianças pensam sobre família e relações de gênero?. **Zero-A-Seis**, [s. l.], v. 20, n. 37, p. 76-94, 2018.
- GOBBI, Márcia. Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e crianças pequenas. **Pro-Prosições**, Campinas, v. 10, p. 139-156, mar. 1999.
- HANAUER, Fernanda. Riscos e rabiscos - o desenho na Educação Infantil. **Perspectiva: Erechim**, [s. l.], v. 37, n. 140, p. 73-82, out., 2013.
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens geradoras**: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso Mioto. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v.10, n. spe, p. 37-45, 2007.
- LUQUET, George-Henri. **O desenho infantil**. Trad. Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Editora do Minho, 1969.
- MARINO, Divo. **O desenho da criança**. São Paulo: Editora do Brasil, 1957.
- MONTAGNA, Adelma Pistun. **Expressões de gênero no desenho infantil**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.
- PEREIRA, Artur Oriel; SANTIAGO, Flavio. Cores que desenharam o mundo: infâncias e as marcas de gênero, raça e classe. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, v. 45, n. 1, p. 1-23, jan., 2020.
- PIMENTA, Daniele Duarte. **O desenho de meninas e meninos na Educação Infantil**: um estudo sobre relações de gênero na infância. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

SILVA, Peterson Rigato da; SILVA, Tassio José da; FINCO, Daniela. Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 58, p. 1-27, 2020.